

**Hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio –
Farroupilha/RS**

Mônica Schneider¹

Marcia Maria Cappellano dos Santos²

Resumo

A hospitalidade é um fenômeno que emerge nas relações interpessoais que se efetivam em um dado espaço, como, por exemplo, o espaço religioso, o qual pode ser considerado privilegiado para as relações de acolhimento. Sendo assim, este artigo versa sobre o tema “hospitalidade na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS”, e tem como principal objetivo identificar relações de acolhimento na romaria, sob a ótica do Poder Público, do próprio Santuário e, complementarmente, do setor privado, buscando oferecer elementos teórico-práticos para subsidiar o planejamento e a implementação de ações futuras. A metodologia da pesquisa, de natureza qualitativa, constituiu-se, basicamente, na realização de entrevistas semiestruturadas com representantes das referidas instâncias. O discurso do acolhedor teve como tônica a busca do ATENDER BEM, propiciando o BEM-ESTAR e o SENTIR-SE BEM. Também nesse discurso, mencionou-se a religiosidade como um elemento que concorreria para a efetivação da hospitalidade em situações eventualmente adversas ao acolhimento. Os resultados apontaram para a pertinência de aprofundarem-se estudos sobre a relação turismo religioso-hospitalidade-romaria, bem como de ser ouvida a voz do outro polo da relação, o romeiro. Pesquisa nessa direção encontra-se em andamento.

Palavras-chave: Turismo. Hospitalidade. Turismo Religioso. Romaria.

1 Introdução

O presente artigo consiste num estudo preliminar acerca do tema “hospitalidade na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS”. Essa romaria representa uma prática que perdura por mais de um século e que se realiza anualmente, mobilizando milhares de pessoas a cada edição, estando presente nas experiências, não só de moradores do município, mas também de outras cidades do Rio Grande do Sul e, até mesmo, de outros estados.

¹ Bacharel em Turismo, pela Universidade de Caxias do Sul; Mestranda em Turismo na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: mschnei1@ucs.br

² Doutora em Educação, pela Universidade Federal de São Carlos/SP; Docente, pesquisadora e coordenadora do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: mcsantos@ucs.br

Tendo em conta que a hospitalidade apresenta múltiplos conceitos, dimensões e formas de exteriorização e, assim, relacionando-se também com o turismo religioso, focaliza-se, neste trabalho, a identificação das relações existentes entre a romaria e a hospitalidade, nas concepções, principalmente, do Poder Público de Farroupilha e do próprio Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, assim como do setor privado, este último inserido como elemento complementar ao estudo. Nesse sentido, buscou-se investigar como tais instâncias envolvem-se com essas relações.

Atualmente, os espaços religiosos representam o destino de um grande número de pessoas, as quais possuem motivações diversas. A hospitalidade, que é um fenômeno presente desde as antigas civilizações, emerge naturalmente nas relações interpessoais que se efetivam em um dado espaço. Portanto, a hospitalidade seria uma qualidade ou virtude das pessoas e dos espaços, podendo ser entendida, não apenas como a expressão do desejo de um ou de outro sujeito que concretizam essa relação, mas como o estabelecimento de uma troca entre os sujeitos envolvidos, os quais se ajustam dinamicamente na interação de suas necessidades (SANTOS et al., 2009). Por outro lado, ainda que a hospitalidade seja um tema bastante abordado, o aprofundamento da compreensão das diversas relações que pode envolver é sempre pertinente. E sob essa perspectiva, revestem-se de significado estudos sobre a hospitalidade em espaços religiosos, privilegiados para as relações de acolhimento, como as que acontecem nas romarias.

Ao longo dos anos, a devoção à Nossa Senhora de Caravaggio foi aumentando, e a romaria consolidou-se, atraindo um número cada vez mais expressivo de pessoas, chegando a registrar, no ano de 2010, em sua 131ª edição, a presença de, aproximadamente, 330 mil participantes. Pela importância a ela conferida, a romaria tem sido objeto de diversos estudos, porém, há ainda muitos aspectos a serem abordados, particularmente aqueles que se referem aos processos, práticas e estruturas nos quais e por meio dos quais ali se efetivam relações de hospitalidade.

Considerando os elementos apontados anteriormente, o presente trabalho tem como principal objetivo identificar relações entre turismo religioso e hospitalidade na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, na ótica do Poder Público de Farroupilha, do próprio Santuário e, complementarmente, do setor privado, e oferecer elementos teórico-práticos para subsidiar o planejamento e a implementação de ações futuras.

2 Turismo Religioso, Peregrinações e Romarias

Atualmente, o fenômeno turístico, devido ao seu caráter complexo, pode ser analisado e compreendido por meio de múltiplas abordagens. Essa complexidade, por vezes, dificulta o estabelecimento de uma definição clara e consensual dos seus limites e contornos. Também, essa dificuldade verifica-se no âmbito do turismo religioso, pois este, de igual forma, apresenta-se como um fenômeno múltiplo, abrangendo diferentes significados e motivações.

Nesse sentido, Carneiro (2004, p. 72) afirma que “[...] o turismo moderno pode ser visto como uma continuação das peregrinações tradicionais, carregando sentidos e valores que em outros momentos estiveram condensados nesta experiência religiosa”. Portanto, pode-se dizer que “O turismo religioso tem sua origem no exercício contemporâneo da peregrinação” (OLIVEIRA, 2004, p. 13). Esta, como um modo de expressão de fé, começou a ser tratada recentemente como turismo religioso, representando uma nova forma de percepção para um fenômeno milenar.

O turismo religioso é definido, oficialmente, segundo a Conferência Mundial de Roma – 1960, como

[...] uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. A sua prática efetiva realiza-se de diversas maneiras: as peregrinações aos locais sagrados, as festas religiosas que são celebradas periodicamente, os espetáculos e as representações teatrais de cunho religioso, e os congressos, encontros e seminários ligados à evangelização (RIBEIRO, 2003, p. 3).

Contudo, mesmo havendo uma definição “oficial”, as indagações e dúvidas, no que se refere à sua conceituação, estão sempre presentes em estudos e discussões sobre o tema, gerando polêmicas, não se estabelecendo, assim, um consenso a respeito das práticas que envolvem turismo e religião. Segundo Beni (2007), o turismo religioso estaria no deslocamento de peregrinos que buscam centros religiosos motivados pela fé em distintas crenças, e que assumem um comportamento de consumo turístico. Portanto, nesse entendimento, um peregrino pode ser considerado um turista religioso, na medida em que atualiza a prática da peregrinação, adaptando sua viagem (total ou parcialmente) às características do processo turístico (OLIVEIRA, 2004). Ainda, para Oliveira (2004), o turismo religioso não é de religiosos, nem de religião, mas sim, motivado pela religiosidade.

No quadro do turismo religioso, ganham espaço especial as peregrinações e romarias. O termo “peregrinação”, como construção social, abarca uma infinidade de experiências, tanto históricas quanto atuais, de deslocamentos motivados pela devoção e pelo culto (STEIL, 2003). Já o termo “romaria”, segundo Nolan e Nolan (apud STEIL, 2003, p. 33), específico das línguas portuguesa e espanhola, estaria relacionado a deslocamentos curtos envolvendo comunidades e combinando aspectos festivos e devocionais, diferentemente da peregrinação, que compreende longos deslocamentos para santuários importantes. De acordo com Steil (2003, p. 34), as romarias são consideradas “[...] não como um fenômeno distinto em si mesmo, mas antes como uma atividade bastante variada que pode ser apresentada em termos de seu contexto social, cultural e político”.

Nesse sentido, com as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, as quais possibilitam diferentes formas de sentir e vivenciar a religiosidade, pode-se dizer que

[...] o turista religiosamente motivado [...] é o foco de convergência de transformações no campo religioso, reunindo e resumindo a sua prática de fé e as atitudes que reconfiguram esse campo e expressam as formas como a religião é [pode ser] vivenciada em nossa modernidade (ABUMANSUR, 2003, p. 55).

Em assim sendo, “[...] as peregrinações podem ser compreendidas em suas interrelações com a lógica prática e teórica do turismo. Pois, a princípio, nada impede de considerá-las como viagens turísticas” (CARNEIRO, 2004, p. 78). Relacionando turismo religioso, peregrinação e romaria, Oliveira (2004, p. 29) assinala que “Basta imaginar um prazer contido na peregrinação, por mais sacrificante que ela possa parecer”.

3 Hospitalidade e a Prática Religiosa da Romaria

3.1 O Conceito de Hospitalidade

A palavra “hospitalidade” apareceu pela primeira vez na Europa, em meados do início do século XIII. Advinda da expressão latina *hospitalitas-atis*, a noção de hospitalidade é complexa e engloba diversos sentidos, mesclando comportamentos, atos, qualidades e virtudes como: hospedar; acolher; recepcionar; ser gentil, cortês, generoso; entre outros. Assim, a hospitalidade, com a característica de ser multifacetada, requer abordagens interdisciplinares e a contribuição de diversas áreas do conhecimento (CRUZ, 2002).

Baptista (2002, p. 157) define hospitalidade como: “[...] um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude do acolhimento em relação ao outro”, representando a disponibilidade da consciência para acolher a realidade fora de si. Nessa perspectiva, Santos et al. (2009), tomando como equivalentes os termos “hospitalidade” e “acolhimento” – aproximação esta adotada no presente estudo –, trazem à reflexão aportes teóricos afetos à psicologia, propondo uma outra concepção de hospitalidade. Segundo as autoras,

[...] na base do acolhimento, estaria a disposição de acolher o outro na sua singularidade, de respeitá-lo, de conhecê-lo, sem imposições *a priori*, de forma “incondicional”, pois, em impondo seu espaço, suas normas, sua cultura, o acolhedor estaria acolhendo apenas, a si mesmo, na direção de seu próprio prazer (SANTOS et al., 2009, p. 10) [grifo do autor].

Sob esse prisma, “[...] o conceito de acolhimento pode ser concebido como fenômeno que se instala no espaço constituído entre o sujeito (na sua forma singular e coletiva) que deseja acolher e o sujeito que deseja ser acolhido” (SANTOS et al., 2009, p. 10). Sendo assim, hospitalidade:

[...] não seria apenas o ato de acolher, supondo um único vértice do processo. Tampouco seria a expressão do desejo de um ou de outro sujeito situado em qualquer um dos pólos da interação, e, também, não seria apenas o produto da relação direta que estabelecem. Hospitalidade ou acolhimento seria, nessa perspectiva, uma área constituída na intersecção resultante do encontro dinâmico de demandas distintas, com origem necessariamente, numa perspectiva subjetiva do desejo, orbitado por eventos circunstanciais (SANTOS et al., 2009, p. 11).

Para que haja acolhimento, acrescentam, é preciso que se estabeleça uma troca entre os sujeitos envolvidos nessa interação, ou seja, “[...] ambos os sujeitos têm que se ajustar dinamicamente na interação de suas necessidades” (2009, p. 11). A hospitalidade, em sua expressão autêntica, da relação recíproca e afetiva entre os seus protagonistas, requer, então, a presença das dimensões: relação, desejo, prazer e afetividade.

Numa abordagem complementar, Grinover (2002, p. 29), citando Goudbout, observa que a hospitalidade é também

[...] um dom do espaço, espaço da habitação, espaço para percorrer a pé ou para contemplação, sendo suas qualidades a superfície, a acessibilidade, o conforto, a estética, a historicidade. “Cidade hospitaleira”, “rua hospitaleira”, expressões da linguagem comum, ilustram bem a doação do espaço, a doação de proteção e segurança, além de abrigo e alimentação [grifo do autor].

Nessa direção, Cruz (2002, p. 40), considera que “[...] parte da hospitalidade é fruto da organização socioespacial dos lugares”, afirmando que: “Alguns lugares são mais hospitaleiros do que outros e isso possivelmente [...] em função da dimensão socioespacial subjacente ao ato de acolher um visitante”. As qualidades do espaço associadas à relação entre as pessoas que nele se efetiva seriam, em essência, o que torna um lugar realmente hospitaleiro. Em síntese, a hospitalidade poderia “[...] dizer-se e manifestar-se por meio de muitas maneiras: pelas palavras, pelos gestos, pelas leis e pela pluralidade imensa de formas de gerir os tempos e os espaços que nos coube viver” (BAPTISTA, 2002, p. 161).

3.2 Hospitalidade e Turismo Religioso

A hospitalidade sempre apresentou um vínculo muito forte com a religião. Talvez esse vínculo se mostre mais fortalecido em alguns momentos (como no passado) e, menos, em outros. Contudo, sabe-se que a hospitalidade “[...] remonta a antigas civilizações, como a grega, e aparece com frequência associada a questões religiosas, sobretudo no cristianismo [...]” (WADA, 2003, p. 63). De acordo com Dias (2002, p. 98), “Desde o início da civilização, os gestos de recepção e hospitalidade, muitas vezes sem a contrapartida do pagamento, parecem cercados por uma aura divina [...]”. Camargo (2002) ressalta que a hospitalidade foi e ainda é um princípio básico de um grande número de ordens religiosas católicas, cujos mosteiros até hoje cultuam suas regras originais.

Nesse sentido, nas práticas religiosas (formas de turismo religioso, tais como as peregrinações e romarias), o princípio do bem acolher, do bem-estar das partes envolvidas, matizado pela religiosidade, concorre para que se produzam trocas simbólicas, negociações de demandas, laços de hospitalidade. “Quando o turista ‘vai’ é porque algo já ‘veio’ até ele. [...]”. O elemento essencial está no intercâmbio, e é justamente essa a maior contribuição do turismo religioso [...]” (OLIVEIRA, 2004, p. 97) [grifo do autor].

No entanto, com o transcurso do tempo e as mudanças que o acompanharam, essas relações interpessoais de acolhimento passaram a redimensionar-se cada vez mais marcadamente por relações socioespaciais, concretizadas em condições técnicas e ambientais ligadas aos espaços e serviços envolvidos. Lembra Oliveira (2004, p. 24) que, atualmente, “[...] os santuários cristãos são reconhecidos como centros privilegiados de evangelização e

dotados paulatinamente de infra-estrutura cada vez mais compatível com a demanda e as necessidades gerais do peregrino”.

Essas considerações levam à compreensão de que, de modo crescente, a infraestrutura dos espaços de visitação religiosa (instalações, diversidade de elementos e equipamentos, condições de atendimento social e pessoal, etc.) surge como um dos fatores que contribui para a consecução do turismo religioso, tornando a religiosidade entremeada pelo fazer turístico.

4 Metodologia

Para a implementação da pesquisa, de caráter exploratório e caracterizada pelo modelo qualitativo de organização e interpretação dos dados, realizaram-se entrevistas com representantes do Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, de Farroupilha e com proprietários de dois empreendimentos do setor privado, localizados no entorno do Santuário, totalizando quatro entrevistas semiestruturadas. Estas tiveram como roteiro três questões: a primeira versando sobre a conceituação de hospitalidade; a segunda, sobre formas de sua efetivação; e a terceira, sobre registros de avaliações realizadas.

5 Análise e Síntese Interpretativa dos Dados

A partir da organização e análise dos dados coletados, foi possível compreender, em síntese, que a hospitalidade encerra-se no ATENDER BEM, propiciando o BEM-ESTAR e o SENTIR-SE BEM. Ao BEM-ESTAR vincula-se, prioritariamente, a disponibilização de elementos estruturais fundamentais (segurança, saúde, alimentação, sanitários, busca de minimização de aglomeração...), bem como, processos de planejamento e avaliação dessa estrutura (reuniões de organização, articulação entre órgãos públicos e destes com o setor privado, controle e registros numéricos e fotográficos, observação de variáveis intervenientes, como o clima e o dia da semana em que ocorre a romaria) – o que, a título de exemplo, se depreende de manifestações como: “É diferente atender cinco pessoas e 200 mil pessoas num dia, como tivemos só no dia 26 de maio este ano, 200 mil pessoas. Então, não tem estrutura, por maior ou melhor, que seja capaz de dar o melhor. Então, nós vamos naquilo que é mais fundamental”; “[...] a gente sempre tem pensado a, a hospitalidade do ponto de vista do bem-

estar de quem está transitando pelo caminho [...]. Então, o que ele vai necessitar, né? A necessidade básica, né”; “A gente vê a cada ano o que dá pra adaptar, o que facilita, o que não facilita [...]. Então são modos, né, pra atender da melhor forma, não é perfeita, da melhor forma, que é possível organizar, aos romeiros que vêm”; “Nós iniciamos no mês de janeiro toda a programação”; “O pessoal se reúne, [...], a organização toda se reúne. Então tem uma interligação com todos, com a comunidade, com a prefeitura, também”; “Geralmente, depois da romaria o pessoal se reúne. É colocado como é que foi, como é que não foi”.

Ao SENTIR-SE BEM associam-se as relações interpessoais: cordialidade, cuidado, diálogo, atenção, dedicação de tempo, informações, percepção das necessidades do outro e busca de atendimento a essas necessidades (“A gente faz de tudo possível pra receber eles bem, né, pra que eles se sintam bem, [...], pra servir eles bem, né, que eles se sintam bem aqui dentro. [...] na romaria, geralmente, o pessoal vem a pé, chegam cansados. Eles rezam, vão na igreja, e depois eles precisam descansar um pouquinho também, né”; “[...] a gente dá uma hospitalidade pra eles, então, a gente tenta conversar”; “A gente, nas romarias, também, faz um preço mais popular, porque são pessoas populares, né”; “[...] dar tempo à pessoas [...], dar atenção a elas, receber elas”; “Nós instalamos um centro de informações turísticas, no início deste ano, lá no, no Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio [...]”).

Permeia o atender bem e o sentir-se bem a consideração da dimensão religiosa que envolve acolhedor e acolhido, a qual se instaura na romaria e nos elementos de fé que envolvem a mobilização do romeiro (“[A romaria] significa os filhos que se encontram com a mãe. [...] e a mãe nem sempre tem prato pra todo mundo. [...], mas ela tem apoio, ela tem um pouco de comida, ela tem uma palavrinha pra todo mundo. E eu acho que nós sabemos, não imaginamos, sabemos que é isso que acontece”; “[Na romaria] [...] vale o esforço e o sacrifício de cada um”; “As reclamações mesmo, elas não são, única coisa é um pouco das filas, né. [...], mas as pessoas não reclamam”; “[...] colaboração gratuita de quase mil pessoas trabalhando”; “Não tanto só a preocupação com o número, [...] mas de que as pessoas, de fato, tenham a possibilidade de rezar, porque esse é o grande objetivo. Todo o resto é um aparato”.

A análise realizada permite aproximar o entendimento de hospitalidade manifestado pelos sujeitos com aquele proposto por Santos et al. (2009), neste trabalho tomado como de referência, o qual poderia ser representado pela figura 1:

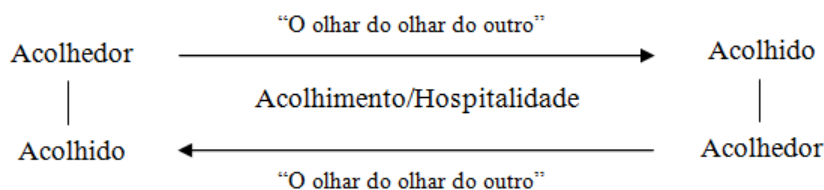


Figura 1: Relação cíclica de hospitalidade entre os polos de interação

Fonte: As autoras

Do ponto de vista do acolhedor (Santuário/Poder Público/empreendimentos privados), emerge uma relação marcada pelo “olhar do olhar do outro”, ou seja, tanto no que diz respeito à estrutura, quanto no que tange às relações interpessoais, estas sendo pensadas e concretizadas no sentido de atender as necessidades dos romeiros (a serem acolhidos), as quais, ao olhar do acolhedor, se mostram significativas. Não se identifica, nessa relação, uma atitude narcísica por parte daqueles que acolhem, objetivando “mostrar” ao outro o que têm e podem oferecer. Todos os entrevistados, cada qual em seu âmbito, desdobram-se (“dão o melhor de si”), antes, durante e depois da romaria, para atender da melhor forma possível. No caso específico dos empreendimentos privados, o foco não recai sobre o “negócio” ao se referirem à hospitalidade. Maior ainda se faz esse “olhar para o outro”, na medida em que se evidencia, nas manifestações dos sujeitos, ao lado da consciência das limitações de estrutura e nas relações interpessoais, a busca permanente de melhorias, sempre visando ao bem-estar e ao sentir-se bem.

Por outro lado, quanto às relações de hospitalidade na romaria, os sujeitos não verbalizam qual seria a voz do acolhido. Os entrevistados expressam a hospitalidade caracterizando-a no sentido de oferecer aquilo de que o acolhido supostamente necessitaria. Somente o representante do Santuário cita pesquisa realizada com os romeiros na edição do ano de 2009, sem, no entanto, apresentar maiores detalhamentos sobre seu objeto, tampouco sobre dados ou resultados obtidos. Lembrando que a hospitalidade, conforme o conceito antes mencionado, estaria “[...] na intersecção resultante do encontro dinâmico de demandas distintas, com origem necessariamente, numa perspectiva subjetiva do desejo [...]” (SANTOS et al. 2009, p. 11), não se têm elementos para inferir, apenas a partir das falas dos sujeitos acolhedores, como se daria a transformação do acolhido em acolhedor, pela voz do próprio romeiro.

Tem-se, contudo, uma hipótese de como essa transformação poderia vir a ocorrer na ótica do representante do Santuário, ao referir-se a situações em princípio desfavoráveis à relação de acolhimento. Segundo ele, por serem muitos os romeiros, o Santuário, mesmo oferecendo o melhor dentro de suas possibilidades, não dispõe de estrutura suficientemente adequada para atender a todos, disso decorrendo a necessidade de uma negociação de demandas (entre os dois polos: acolhedor/acolhido), para a efetivação do fenômeno da hospitalidade: em outras palavras, para que o acolhido acolha o acolhedor procurando olhá-lo com o olhar do outro. Essa negociação se tornaria possível porque “[...] o objetivo [do romeiro] é colocar em ordem o eu interior de cada pessoa” e, como filho, encontrar a mãe (Nossa Senhora). Em assim sendo, considerado esse contexto específico, o fenômeno da hospitalidade, na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio poderia ser sinteticamente assim figurado:

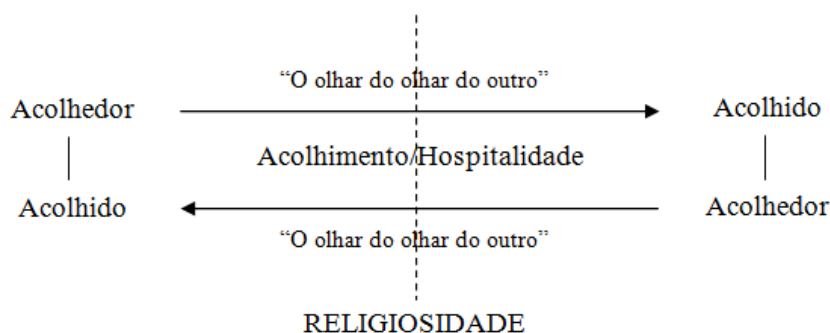


Figura 2: A religiosidade na relação cíclica de hospitalidade entre os polos de interação

Fonte: As autoras

É, pois, pela religiosidade e pela fé, que se instauraria o encontro dinâmico das demandas de um e outro polo de interação (acolhedor e acolhido). É pela religiosidade e pela fé que se daria a “[...] colaboração gratuita de quase mil pessoas trabalhando [...] felizes por ajudar os outros [...]”, e que, por outro lado, apesar de “[...] filas pra, até pra comprar os lanches, as pessoas não [reclamariam]”. Eis onde se vislumbra o encontro da hospitalidade com o turismo religioso.

6 Considerações Finais

A análise e a síntese interpretativa realizadas levaram a refletir sobre as relações entre turismo religioso e hospitalidade e, nesse universo, a refletir sobre as concepções de

hospitalidade presentes no planejamento e na implementação de ações para a romaria a Caravaggio. Possibilitaram também identificar dimensões da hospitalidade que vêm sendo privilegiadas, a articulação dos envolvidos com o evento religioso, os processos avaliativos planejados e implementados. E nisso se pôde perceber a sintonia que há entre o Poder Público, o Santuário e o setor privado.

Por outro lado, atentando para essas mesmas constatações e para o objetivo de oferecer elementos teórico-práticos para subsidiar o planejamento e a implementação de ações futuras, tornam-se ainda pertinentes algumas ponderações.

Diante do crescente e significativo afluxo de romeiros ao Santuário (330 mil pessoas na edição de 2010) e o pressuposto da importância das relações de hospitalidade também nas romarias e outros eventos religiosos, mostrou-se relevante o desenvolvimento de futuros estudos que busquem investigar, com maior profundidade, o evento “romaria” e as relações deste com o turismo religioso, bem como os desejos desses romeiros e o porquê de estes se disporem a acolher a realidade que está fora de si, ou seja, a realidade do Santuário, do seu entorno e de todos os envolvidos na realização da romaria. Pesquisa nessa direção encontra-se em andamento buscando ampliar os olhares sobre essa negociação de demandas que o acolhimento requer.

A curiosidade faz-se ainda maior quando aquele que transforma a sua religiosidade nesse grande acontecimento, a romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, é um cidadão do século XXI, tempo em que parece ser possível sentir e vivenciar a religiosidade de muitas maneiras. Diferentemente dos primeiros fiéis, os atuais romeiros de Caravaggio têm acesso às mais modernas e sofisticadas tecnologias e a um número infindável de informações – inclusive sobre as mais diversas crenças e religiões. O universo da fé, porém, é e será sempre um campo de respostas a serem buscadas.

Referências

ABUMANSSUR, Edin Sued. Religião e turismo: notas sobre as deambulações religiosas. In: _____. **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papyrus, 2003 (Coleção Turismo).

BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 12. ed. rev. e atual. São Paulo: Senac, 2007.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 6, n. 6, 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/viewArticle/2267>> Acesso em: 29 abr. 2010.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

DIAS, Celia Maria de Moraes. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade. In: _____. **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004 (Coleção ABC do Turismo).

RIBEIRO, Heloisa. Andar com fé e o sentido do chegar. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=25&layout=abstract>> Acesso em: 29 abr. 2010.

SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos. et al. **Dimensões relacionais e psicopedagógicas da hospitalidade**. Caxias do Sul: UCS, 2009. Projeto de Pesquisa.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSUR, Edin Sued. **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003 (Coleção Turismo).

WADA, Elizabeth Kyoko. Reflexões de uma Aprendiz da Hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (org.). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.